

OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO LITERÁRIA NO BRASIL: HISTÓRIA, TEORIA E CRÍTICA

LITERARY TRANSLATION STUDIES IN BRAZIL: HISTORY, THEORY AND CRITICS

*Os mapas são instrumentos peculiares de poder.
Eles tendem a fazer você olhar em certas direções mas ignorar outras.*
(ANTHONY PYM, 1998, p. 3)¹

A descrição de um futuro campo disciplinar (HOLMES, [1976] 2000) permitiu a sistematização do conhecimento e o avanço da discussão sobre as principais questões da tradução. Há algum tempo falamos da institucionalização dos Estudos da Tradução no Brasil como campo disciplinar (AZENHA JR, 2006; GUERRINI et al., 2013; SILVA et al., 2017) e, ao olharmos para as questões dos Estudos da Tradução hoje, percebemos que assuntos que frequentemente estavam presentes na discussão sobre tradução desde o século I (a. C), como a melhor forma de traduzir (literal x livre; palavra x sentido) ou outros aspectos linguísticos, deram lugar a questões interdisciplinares incluindo aspectos extratextuais centrados nos agentes da tradução e no contexto de produção da tradução. Não queremos dizer, no entanto, que aspectos textuais deixaram de ser importantes para a disciplina, mas que algumas discussões estão superadas, graças ao acúmulo e sistematização de conhecimento proporcionado justamente pela entrada da tradução como objeto de estudos nos meios acadêmicos.

O mapeamento feito por Holmes foi expandido e contamos hoje com uma vasta produção acadêmica na área, tanto em termos teóricos quanto aplicados, o que levou Echeverri (2017) a apontar para um novo momento, denominado por ele como a metavirada, ou seja, um momento de introspecção em que a disciplina olha para si mesma por meio de mapeamentos e de reflexão como forma de avaliação e planejamento. Os Estudos da Tradução, em especial os Estudos da Tradução Literária, encontraram solo fértil no Brasil e em outros países. Assim, este dossiê intitulado “Tradução Literária: história, teoria e crítica” abriu espaço para pesquisas que buscam entender como a tradução de textos literários e os Estudos da Tradução Literária têm se organizado, especialmente no Brasil; para aquelas que identificam as correntes críticas e teóricas da tradução literária, os agentes da tradução (tradutores, editores, pesquisadores,

¹ Nossa tradução de “*Maps are peculiar instruments of power. They tend to make you look in certain directions; they make you overlook other directions.*”

Ao olharmos para as referências bibliográficas das nove contribuições, percebemos que, entre os autores mais citados, incluem-se Lawrence Venuti e Gideon Toury, e os brasileiros Haroldo de Campos e Paulo Henriques Brito. É certo que o corpus de análise é restrito e que não se pretende fazer qualquer generalização, mas não se pode deixar de apontar a influência desses autores que vêm marcando os Estudos da Tradução Literária em contexto brasileiro.

Se mapeamentos são instrumentos de poder, como mencionado na epígrafe deste artigo, talvez a forma de os apresentar também o seja. Assim, decidimos abrir o dossiê com aquele que se pauta em um dos principais teóricos da tradução no Brasil e, como palavra puxa palavra, na sequência, buscamos agrupar as contribuições de forma concatenada e por áreas de interesse como refletidas nas contribuições aceitas para publicação.

No artigo “Haroldo de Campos: diálogos intersemióticos na transcrição da poesia chinesa”, André Luis Batista e Alexandre Graça Faria, ambos da Universidade Federal de Juiz de Fora, mergulham no universo de Haroldo de Campos e do pensamento espiral chinês e sua representação em ideogramas para alcançar significados possíveis na tradução/transcrição de um dos poemas de Li Po. Se considerarmos que uma das propostas deste dossiê era de mapear agentes da tradução e dos Estudos da Tradução, cabe ressaltar que o brasileiro Haroldo de Campos foi um dos teóricos pioneiros nos Estudos da Tradução ao traduzir e refletir sobre a tradução como criação, especialmente da tradução de poesia, que, para alguns, se aproxima da intraduzibilidade. O pensamento teórico de Haroldo de Campos, e sua prática, antecede aqueles da Escola de Manipulação ou dos Estudos Descritivos da Tradução, por exemplo, também mencionados neste volume por outros articulistas, mas que se desenvolvem a partir da década de 1970, enquanto, já em 1962, Campos publicava o seu “Da tradução como criação e como crítica”.

A questão da traduzibilidade está presente, também, no artigo de Cristian Cláudio Quinteiro Macedo e Patrícia Chittoni Ramos Reuillard, pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulado “Intraduzibilidade: polêmica tradutória no *Journal des Débats*”. O artigo se insere na Historiografia da Tradução, e, por meio do rastreamento do debate acalorado entre Jean Joseph Dussault e Charles Marie Dorimond de Féletz na imprensa francesa, percebemos uma das questões envolvidas no pensamento tradutório do século XIX, qual seja, a traduzibilidade de certos textos, em seu caso, de textos da Antiguidade Clássica.

No artigo “Olhares cruzados sobre recepção e tradução literária”, Lucilene Machado Garcia Arf, da Universidade Estadual Paulista, apresenta, de forma didática, os principais aportes teóricos que os pesquisadores vêm utilizando para discutirem a tradução literária,

fazendo com que seu artigo possa ser utilizado como material didático em sala de aula. A teoria dos polissistemas, os Estudos Descritivos da Tradução e Escola de Manipulação marcam a inclusão do público alvo e a função da tradução como determinantes de escolhas tradutórias. Além disso, cabe ressaltar, é a partir dos ensinamentos de André Lefevere, Even Zohar, Gideon Toury, Hendrik van Gorp, José Lambert e Susan Bassnett que se estabelece um novo paradigma na discussão sobre tradução, que passou de um modelo prescritivista a um modelo descritivista, importando mais como as traduções são do que como elas deveriam ser. Algumas, se não a maioria, das contribuições neste volume se apoiam, direta ou indiretamente, principalmente, nos princípios dos estudos descritivos.

O mapeamento dos agentes dos Estudos da Tradução continua, neste dossiê, em “Venuti entre visibilidade e escândalos: afiliação, contribuições e críticas”, em que Priscila de Oliveira Novais Lima, da Universidade Federal da Paraíba, e Wiebke Röben de Alencar Xavier, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, traçam o perfil de Lawrence Venuti, um dos teóricos mais influentes dos Estudos da Tradução na contemporaneidade. As autoras levantam suas principais influências, suas principais contribuições para os Estudos da Tradução e as formas como seus ensinamentos têm sido recebidos pela comunidade acadêmica. Os livros mais influentes de Venuti no Brasil têm sido *The translator’s invisibility: a history of Translation* (1995) e *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference* (1998).

O posicionamento de Venuti pela valorização do estrangeiro e pela visibilidade do tradutor tem sido fonte de acalorados debates ou de aporte para investigações como a de Michelle Duarte da Silva Schlemper, Mairla Pereira Pires Costa e Neiva de Aquino Albres, pesquisadoras da Universidade Federal de Santa Catarina, em “Paratextos editoriais em produções literárias bilíngues (português-libras): novas perspectivas de leitura de traduções”. As autoras apoiam-se na teoria de paratextos de Genette para analisarem obras literárias bilíngues e multimidiáticas buscando a presença dos tradutores em paratextos que acompanham as obras. Infelizmente, apesar dos caminhos de institucionalização da tradução, as autoras concluem que, semelhante ao que, frequentemente, ocorre nas demais produções traduzidas, a figura do tradutor nem sempre ganha destaque no corpus analisado, cedendo lugar, neste caso, aos ilustradores, que, aliás, não deixam de ser tradutores intersemióticos. Além de trabalhar a questão da visibilidade dos tradutores, esta contribuição consiste em um exemplo de uma área que tem crescido vertiginosamente dentro dos Estudos da Tradução no Brasil, que é a tradução e interpretação em línguas de sinais. Isso se deve especialmente à Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, por meio da qual a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e outros recursos de expressão a ela associados, passou a ser reconhecida como meio legal de comunicação e expressão no

Brasil. Após vinte anos da aprovação da lei, apesar dos diversos percalços e da constatação de que ainda estamos distantes de um modelo que atenda satisfatoriamente à comunidade surda, comemora-se a criação de diversos cursos de graduação em Libras e de linhas de pesquisa nos programas de pós-graduação, alavancando pesquisas que se debruçam sobre as especificidades desta tradução interlinguística e intermodal.

Em se tratando de áreas de interesse dos Estudos da Tradução contemporâneos, cabe destaque o que Andrew Chesterman vem chamando de Estudos do Tradutor (CHESTERMAN, 2017), área que envolve tanto a historiografia quanto a sociologia da tradução e que dá importância ao tradutor como agente social, indo além da análise do processo e do produto da tradução. Neste volume temos pelos menos duas contribuições que claramente se alinham a essa perspectiva. Em “A lírica shakespeariana em tradução: *The rape of Lucrece* em português brasileiro”, Marcia Amaral Peixoto Martins, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, enfoca três traduções do poema narrativo de Shakespeare e concentra-se no projeto tradutório de Oscar Mendes, Elvio Funck, e Leonardo Afonso. Além dos Estudos do Tradutor, a autora se afilia aos Estudos Descritivos da Tradução para analisar as convergências e divergências dos três projetos tradutórios do poema narrativo de Shakespeare.

Outra contribuição que se alinha aos Estudos do Tradutor é o de Eliza Mitiyo Morinaka, pesquisadora da Universidade Federal da Bahia. Em “Criatividade e censura na tradução: um estudo de *Consider the lilies of the field* (1947), traduzido por Jean Neel Karnoff”, além de tratar das questões de escolhas tradutórias feitas pela tradutora para se adaptar ao sistema literário receptor, a autora traça um perfil de Jean Neel Karnoff nos apresentando como a tradutora recorre à sua formação em artes visuais para criar cores e movimentos na tradução.

Outra área de interesse é a dos Estudos da Adaptação, que tem Linda Hutcheon e Robert Stam como os principais interlocutores (HUTCHEON, 2006; STAM, 2006) e que, neste dossiê, conta com a contribuição de Helano Ribeiro, da Universidade Federal da Paraíba, e Lóren Cristine Ferreira Cuadros, da Universidade Federal de Pelotas. Em “A tradução shakespeariana como fonte inesgotável: conexões entre texto verbal e criação audiovisual no filme *Macbeth: ambição e guerra*, de Justin Kurzel”, os autores tratam de questões envolvidas no processo de adaptação fílmica, descrevendo como o cineasta empresta sua interpretação para transposição da peça do dramaturgo inglês para as telas do cinema, desambiguando e explicitando significados.

Finalmente, em “A tradução da literatura de massa: desafios específicos”, Cynthia Beatrice Costa, da Universidade Federal de Uberlândia, e Lenita Maria Rimoli Pisetta, da Universidade de São Paulo, trazem Pierre Bourdieu, John Milton, Pascale Casanova, Lawrence

Venuti e Marie-Hélène Torres para discutirem a tradução de *best sellers*, que, segundo as autoras, apresentam, aos tradutores, desafios diferentes daqueles presentes na tradução de textos canônicos, frequentemente, privilegiados pela crítica.

Ao olharmos para as contribuições neste volume percebemos como a investigação de um objeto de estudos em torno de um campo disciplinar próprio, os Estudos da Tradução, pôde expandir a percepção do ou mesmo o próprio objeto. Se antes a discussão parecia revolver sobre os procedimentos técnicos da tradução, vinculados a aspectos linguísticos, hoje percebemos a inclusão de aspectos sociológicos, que colocam o tradutor e o teórico/pesquisador como agentes sociais. Percebemos, também, a inclusão de estudos que não eram prioridade da Linguística ou da Literatura, que anteriormente dominavam os estudos sobre tradução, e que antes eram relegados como de segunda importância como a literatura de massa, apresentado neste volume, entre outros.

Esperamos que a leitura deste dossiê seja prazerosa e que as contribuições possam fomentar novas discussões na área dos Estudos da Tradução Literária.

Agradecemos ao corpo editorial da Revista *Graphos* e, em especial, aos pareceristas *ad hoc*, que contribuíram para a seleção dos artigos a serem publicados.

Boa Leitura.

João Pessoa, 25 de junho de 2022.

Roberto Carlos de Assis (UFPB)
Germana Henriques Pereira (UnB)

Referências

AZENHA JR, João (Org.). Os caminhos da institucionalização dos Estudos da Tradução no Brasil. 2006. **GTRAD**. Trabalhos apresentados por membros do GT de Tradução da ANPOLL por ocasião do XXI ENANPOLL, Encontro Nacional da Associação de Pós- Graduação em Letras e Linguística, realizado na PUC-SP em julho de 2006. Disponível em http://letra.letras.ufmg.br/gttrad/os_caminhos_da_ietb.html. Acesso 26 mai 2022.

CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. **Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CHESTERMAN, Andrew. The name and nature of Translator Studies. In: CHESTERMAN, Andrew. **Reflections on Translation Theory: selected papers 1993-2014**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2017, p. 323-329.

ECHEVERRI, Álvaro. About maps, versions and translations of Translation Studies: a look into the metaturn of translatology, **Perspectives**, v.25, n.4, p. 521-539, 2017. Disponível em: <bit.ly/3tmghRV>.

GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (org.) **Os estudos da tradução no Brasil nos séculos XX e XXI**. Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

HOLMES, J. The Name and Nature of Translation Studies. In: VENUTI, Lawrence. (org.). **The Translation Studies Reader**. Londres/Nova York: Routledge, 2000 [1976]. p. 172-185.

HUTCHEON, Linda. A theory of adaptation. Londres e Nova York: Routledge, 2006.

PYM, Anthony. **Method in Translation History**. London and New York: Routledge, 1998.

SILVA, Ana Julita Oliveira da; ESQUEDA, Marileide Dias; CAMPOS, Tania Liparini. Os Estudos da Tradução no Brasil: a ABRAPT e o Encontro Nacional de Tradutores. **Domínios de Lingu@gem**. Uberlândia. vol. 1. Nº 5, 2017. P. 1454-1474.

STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. In: Ilha do Desterro – A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies, Florianópolis, n. 51. pp. 019-053, abr. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/977>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

VENUTI, Lawrence. **The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference**. Londres: Routledge, 1998.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility: A History of Translation**. Londres: Routledge, 1. ed., 1995.